



A IMPORTÂNCIA DA METÁFORA NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Márcio Roberto Alonso¹

RESUMO: Este artigo investiga a natureza da metáfora e sua função na Bíblia, com especial atenção ao modo como figuras de linguagem compõem a revelação das Escrituras e como devem ser interpretadas. Partindo de uma abordagem interdisciplinar que integra Teologia Bíblica, Hermenêutica e Linguística, o estudo demonstra que a aplicação desse mecanismo no texto sagrado não é apenas um recurso estilístico, mas um instrumento essencial para o entendimento de verdades teológicas profundas. Após apresentar compreensões clássicas e contemporâneas dessa ferramenta retórica, o texto analisa exemplos bíblicos centrais e discute as implicações hermenêuticas de uma leitura sensível à linguagem figurada. Conclui-se que a interpretação adequada das metáforas é imprescindível para a adequada formação teológica, para a pregação fiel e para a leitura devocional coerente com o testemunho das Escrituras.

PALAVRAS-CHAVE: Interpretação Bíblica; Linguagem Figurada; Metáfora; Hermenêutica; Teologia Bíblica.

INTRODUÇÃO

A interpretação adequada da linguagem figurada nas Escrituras é um desafio constante para leitores, pregadores e teólogos. Entre os recursos mais recorrentes na formação do texto bíblico está a metáfora, figura de linguagem que associa elementos distintos para produzir significado por meio da analogia

¹ Pastor da Igreja Presbiteriana do Jardim América, em Goiânia – GO; Bacharel em Direito pela Universidade do Vale do Paraíba (1997); Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano "Rev. José Manoel da Conceição" (2004); Mestre em Antigo Testamento pelo Centro Teológico de Pós-Graduação Andrew Jumper – CPAJ (2010); Mestre em Liderança Educacional Cristã pelo CPAJ / Gordon College (2023).

implícita. Apesar de sua presença abundante nas Escrituras, ela é muitas vezes negligenciada na formação teológica e no exercício da pregação, sendo tratada como simples ilustração ou ornamento estilístico.

Este artigo tem como objetivo investigar a importância da metáfora e de sua adequada hermenêutica na leitura da Bíblia, com destaque para seu papel essencial na revelação e na comunicação de verdades espirituais abstratas a partir de experiências concretas. Busca-se responder à seguinte questão: é possível interpretar corretamente a Escritura sem compreender a natureza e o papel desse instrumento linguístico?

A metodologia adotada é de natureza investigativa, partindo da análise de textos bíblicos exemplificativos e considerando o tema a partir da interseção entre Teologia Bíblica, Hermenêutica Reformada e Estudos Linguísticos contemporâneos.

A fundamentação teórica articula contribuições de autores como Aristóteles, Tomás de Aquino, I. A. Richards, Paul Ricoeur e estudiosos da linguística cognitiva, e considera também a contribuição teológica de autoridades hermenêuticas contemporâneas como Leland Ryken, Craig Bloomberg e Grant Osborne, entre outros.

A exposição será desenvolvida em três seções principais: (1) compreensões clássicas e modernas de metáfora; (2) exemplos de seu uso e suas funções na narrativa bíblica; (3) implicações hermenêuticas e teológicas para a leitura e aplicação das Escrituras. Por fim, as considerações finais sintetizarão os achados e sugerirão possibilidades de pesquisa futura e de aplicação das conclusões.

1. COMPREENSÕES CLÁSSICAS E MODERNAS DE METÁFORA

A compreensão da metáfora passou por uma evolução significativa desde a Antiguidade clássica até as abordagens contemporâneas. Em sua obra *Poética*, Aristóteles a definiu como “a aplicação de um nome que pertence a outra coisa” e considerou seu uso como recurso estilístico e cognitivo, fundado na percepção de similaridade entre dois elementos distintos.² Essa concepção clássica enfatizava a substituição lexical, enfatizando o desvio do uso literal da linguagem.

Durante a Idade Média, Tomás de Aquino reconheceu a importância da linguagem figurada na Teologia, considerando-a um instrumento necessário para comunicar com maior precisão realidades espirituais inalcançáveis pela linguagem literal.³ No entanto, foi apenas no século XX que a teoria acerca desse recurso linguístico passou a incluir aspectos cognitivos mais amplos. Ivor Armstrong Richards, em sua obra *The Philosophy of Rhetoric*, introduziu os conceitos de “tenor” (o tema ou conceito principal) e “veículo” (a imagem ou analogia

² Aristóteles, *Poética*, 1457b.

³ Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q.1, a.9.

utilizada), destacando a interação entre os dois elementos como geradora de significado.⁴

Mais recentemente, essa perspectiva foi aprofundada por Paul Ricoeur, para quem a metáfora representa uma tensão semântica produtiva, capaz de criar significados através do choque entre o sentido literal e o figurado.⁵ Para Ricoeur, a figura é uma forma de “redescrição” da realidade, abrindo horizontes interpretativos e permitindo que o texto comunique mais do que o imediato.

Por fim, a linguística cognitiva contemporânea, representada por autores como George Lakoff e Mark Johnson, reformulou a compreensão da metáfora ao propô-la como mapeamento sistemático entre domínios conceituais distintos. Segundo essa abordagem, trata-se de um instrumento fundamental do pensamento humano e não de um mero adorno da linguagem.⁶

Somadas, essas teorias nos ajudam ao oferecer contribuições valiosas para o nosso entendimento de como as Escrituras usam experiências concretas do cotidiano para transmitir verdades teológicas complexas e abstratas.

Acrescentando a isso as contribuições dos estudiosos da Teologia e da Hermenêutica Bíblicas, é possível destacar a explicação de Leland Ryken que, partindo da etimologia, acrescenta que a palavra “metáfora” é baseada nas palavras gregas *meta*, que significa “além”, e *pherein*, que significa “transportar”.⁷ Nesse sentido, Grant Osborne reconhece três partes fundamentais nessa figura: o tema ou elemento ilustrado pela imagem, a imagem propriamente dita e o ponto de semelhança ou comparação⁸ (ainda que este se apresente subentendido). Assim, é possível entender as metáforas como afirmações que nos transportam para significados maiores, implicando uma “transferência de significado” entre dois níveis que estão em comparação. Por isso mesmo, elas são necessariamente “afirmações bifocais”, que comparam duas coisas basicamente distintas e que, através dessa associação, conseguem seu efeito impactante.⁹ Elas cativam a atenção do leitor e tornam as sentenças memoráveis, visto que “superam os limites da abstração e alcançam plenitude de expressão”, uma vez que nos forçam a trazer à tona “todo o leque da experiência humana”, e não apenas nosso intelecto racional.¹⁰

Por causa dessa comparação entre campos distintos e da elevação do significado obtida, uma metáfora sempre afirmará uma inverdade no nível literal

⁴ RICHARDS, I. A., *The Philosophy of Rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936, p. 96.

⁵ RICOEUR, Paul, *La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975, p. 252.

⁶ LAKOFF, George & JOHNSON, Mark, *Metaphors We Live By*, Chicago: Univ. of Chicago Press, 1980, p. 3–5.

⁷ RYKEN, Leland. *Para ler a Bíblia como literatura*. São Paulo, Cultura Cristã, 2017, p. 87 – 88.

⁸ OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica*. São Paulo, Vida Nova, 2009, pág. 154.

⁹ KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L. & HUBBARD JR., Robert L. *Introdução à Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 497.

¹⁰ RYKEN, Leland. *Para ler a Bíblia como literatura*, p. 91.

e gramatical.¹¹ Ao eliminar a partícula de comparação (por exemplo, as palavras “como”, “semelhante”, etc.), ela cria uma tensão e alcança um significado total que extrapola a lógica e apela à experiência, aos sentimentos e à memória do leitor, convidando-o para além do intelecto e da razão. É nesse ponto que reside a sua força, pois seu significado total jamais poderia ser alcançado ou expresso completa e adequadamente em termos meramente intelectuais ou proposicionais.¹²

Não por acaso, os poetas a utilizam abundantemente, e os textos poéticos da Escritura Sagrada não fogem à regra. Quando os livros poéticos¹³ do Antigo Testamento (Salmos, Provérbios, Cantares, Eclesiastes, Jó) nos apresentam sua mensagem pela via dessa figura, estão intencionalmente deixando lacunas abertas e nos transferindo a tarefa de concluir o processo de comunicação que iniciaram. Ao afirmarem que uma coisa é igual à outra, eles estão nos convidando a descobrir *como* essa igualdade se dá. Obviamente, sempre existirá o risco de que os aspectos pretendidos dessa igualdade não sejam adequadamente compreendidos ou percebidos pelo leitor. No entanto, ao considerarem o ganho de significado, ênfase e notabilidade que obteriam na comunicação da mensagem pela via da figura de linguagem, os autores bíblicos inspirados julgaram que valia a pena correr esse risco.¹⁴

2. EXEMPLOS E FUNÇÕES DA METÁFORA NA NARRATIVA BÍBLICA

A Bíblia está repleta de expressões que comunicam conceitos teológicos de maneira vívida, concreta e acessível. Desde os primeiros livros do Antigo Testamento até as cartas apostólicas do Novo Testamento e o livro do Apocalipse, encontramos metáforas que não apenas ilustram, mas moldam nossa compreensão da revelação divina. Em sua perfeita sabedoria, Deus escolheu esse recurso específico como o melhor modo para nos comunicar as verdades eternas.¹⁵

Os conceitos teontológicos – os que tratam do ser de Deus e de seus atributos – estão entre aqueles nos quais seu uso é mais notável. Por sua natureza limitada e finita, o homem tem uma dificuldade inerente para expressar verdades relativas ao Deus transcendente e infinito. Assim, se não houvesse figuras de linguagem na Bíblia para representar Deus (Pai, Filho e Espírito Santo – as três pessoas da Trindade), nosso conceito dele seria inescapavelmente reduzido e

¹¹ RYKEN, Leland. *Formas Literárias da Bíblia*. São Paulo, Cultura Cristã, 2017, p. 127.

¹² RYKEN, Leland. *Para ler a Bíblia como literatura*, p. 89.

¹³ É importante destacar, no entanto, que as metáforas e demais figuras de linguagem, embora sejam mais abundantes nos livros poéticos, também são utilizadas nos demais gêneros literários da Escritura, tais como Evangelhos, Profetas ou Literatura Apocalíptica. A próxima seção mostrará exemplos disso.

¹⁴ RYKEN, Leland. *Formas Literárias da Bíblia*, p. 127.

¹⁵ OSBORNE, *op. cit.*, p. 498- 499.

incompleto.¹⁶ Contudo, mesmo que nos sirvamos da linguagem figurada, ainda precisamos ter em mente que ela também tem seus limites, e só poderá nos oferecer uma expressão muito inadequada das realidades perfeitas e eternas.¹⁷

O *antropopatismo* (descrição figurada de Deus como tendo sentimentos humanos¹⁸) e o *antropomorfismo* (uma apresentação de Deus como tendo características ou ações humanas¹⁹) são dois exemplos poderosos da utilização das metáforas na comunicação de conceitos teontológicos. A Bíblia deixa claro que Deus é espírito (Jo 4.24) e que nele não pode haver variação ou sombra de mudança (Tg 1.17), mas ainda assim utiliza expressões antropopáticas (por exemplo, “o SENHOR se arrependeu” – Gn 6.6; Jn 3.10 etc.) e antropomórficas (como “o dedo de Deus” – Êx 8.19, Lc 11.20, etc.) para nos comunicar verdades a respeito do Criador. Além disso, declarações ou expressões como “o SENHOR é o meu pastor” (Sl 23.1), “a rocha da minha salvação” (Sl 62.2) e “o Altíssimo te cobrirá com suas penas” (Sl 91.4) exemplificam como Deus se utiliza de imagens conhecidas do cotidiano israelita para revelar aspectos de Seu caráter e Sua ação redentora. Desde os primeiros livros de Moisés, esses recursos comunicaram ao povo da aliança verdades profundas que seriam de difícil apreensão por meio de linguagem exclusivamente conceitual ou abstrata.

No Novo Testamento, as metáforas ganham densidade cristológica: Cristo é o “Cordeiro de Deus” (Jo 1.29), a “videira verdadeira” (Jo 15.1), a “luz do mundo” (Jo 8.12), o “pão da vida” (Jo 6.35), o “caminho, a verdade e a vida” (Jo 14.6). Cada uma dessas figuras não apenas descreve uma faceta de quem é Jesus, mas também estabelece relações com o Antigo Testamento e com a experiência do povo de Deus. Como observou Sinclair Ferguson, essas figuras “não são enfeites retóricos, mas estruturas portadoras de significado teológico”.²⁰

Além disso, elas também são essenciais para a eclesiologia bíblica: a Igreja é descrita como corpo (1Co 12), noiva (Ef 5), edifício (1Pe 2.5), lavoura (1Co 3.9), entre outras figuras. Os crentes são descritos como soldados (2Tm 2.3), embaixadores (2Co 5.20), atletas (1Co 9.25) e muito mais. Essas imagens não apenas comunicam a identidade e vocação do povo de Deus, mas também fundamentam doutrinas centrais, como a união com Cristo e a comunhão dos santos.

Além das metáforas contidas em frases ou expressões (por exemplo, “esposa do Cordeiro” – Ap 21.9), cabe também destacar aqui as figuras da

¹⁶ KÖSTENBERGER, ANDREAS J. & PATTERSON, RICHARD D. *Convite à Interpretação Bíblica: A Tríade Hermenêutica*. São Paulo, Vida Nova, 2015, p. 621 – 622.

¹⁷ BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica*. São Paulo, Cultura Cristã, 2000, p. 85.

¹⁸ LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes: Uma breve história da interpretação*. São Paulo, Cultura Cristã, 2013, Edição do Kindle, posição 953.

¹⁹ PLUMMER, Robert L. *40 questões para se interpretar a Bíblia*. São José dos Campos, Editora FIEL, 2017, Edição do Kindle, posição 4415.

²⁰ FERGUSON, Sinclair B., *The Whole Christ*, Wheaton: Crossway. 2016, p. 89.

parábola e da *alegoria*, intimamente associadas. A diferença entre elas é da mesma natureza da diferença que existe entre a metáfora e a símile. Na metáfora, o elemento de comparação está ausente (“nosso Deus é fogo consumidor” – Hb 12.29), enquanto, na símile, está expresso (“O aspecto dos seres vivos *era como* carvão em brasa, *à semelhança de* tochas” – Ez 1.13). Assim, uma parábola é uma símile estendida na forma de uma história (“O reino dos céus *é semelhante a* um grão de mostarda” – Mt 13.31), enquanto uma alegoria é uma metáfora estendida na forma de história (“...estas mulheres *são* duas alianças; ... Agar *é* o monte Sinai, na Arábia, Mas a Jerusalém lá de cima ... *é* nossa mãe [Sara]” – Gl 4.24-26).²¹ Desse modo, podemos entender a parábola como uma “símile ampliada”, onde a comparação está explícita e o sujeito e a coisa comparada se mantêm separados, enquanto são explicados mais plenamente. Por sua vez, a alegoria se apresenta como uma metáfora ampliada em história, na qual a comparação não vem expressa, e o sujeito e a coisa comparada acham-se entrelaçados.²²

Finalmente, é importante destacar que Deus também usou, nas Escrituras, elementos pedagógicos de comparação (e, nesse sentido, figurativos) na forma de tipos, sombras e símbolos, que progressivamente prepararam o povo do SENHOR para a chegada do Messias. Nesse sentido, a Lei foi uma pedagoga, um “aio” que conduziu o povo eleito até Cristo (Gl 3.24). Quando o véu da antiga aliança (2Co 3.13–16) lhes é removido, os crentes são capacitados pelo Espírito a entender que Cristo é a chave hermenêutica²³ que abre e confirma o sentido final do Antigo Testamento. Com o auxílio apostólico, agora é possível entender que a Páscoa apontava para Cristo, que é o verdadeiro cordeiro pascal (1Co 5.7). Da mesma maneira, os apóstolos confirmam que Jesus é “o tabernáculo de Deus entre os homens” (Ap 21.3), a “pedra” que fez brotar água no deserto (1Co 10.4), e que pessoas como Davi (Mt 22.41 – 46), Salomão (Lc 11.31), Jonas (Lc 11.32) ou Melquisedeque (Hb 7) também funcionaram como figuras de Cristo. Essa leitura tipológica – distinta da alegórica – está ancorada na história da redenção e é corroborada pelas próprias palavras do Senhor Jesus Cristo, que repetidamente afirmou que o Antigo Testamento falava a seu respeito (Lc 24.27; 24.44; Jo 5.39).

A função de todas essas formas de metáfora, portanto, vai além da mera ornamentação: elas são pedagógicas, teológicas e formativas. Elas estruturam a revelação progressiva, comunicam verdades elevadas, mobilizam a imaginação, facilitam a memorização e evocam respostas existenciais. Quando bem interpretadas, essas figuras se tornam pontes fundamentais entre a revelação transcendente e a experiência humana limitada. Por outro lado, sua interpretação

²¹ KAISER Jr., Walter C. & SILVA, Moisés, *Introdução à Hermenêutica Bíblica*. São Paulo, Cultura Cristã, 2002, p. 88.

²² VIRKLER, HENRY A. *Hermenêutica Avançada*. São Paulo, Vida, 1987, p. 122.

²³ LOPES, *op.cit.*, posição 2110.

equivocada – ou a interpretação literal de alguma afirmação figurada – pode produzir conclusões seriamente distorcidas.

3. IMPLICAÇÕES HERMENÊUTICAS E TEOLÓGICAS DAS METÁFORAS BÍBLICAS

Como se pode depreender da seção anterior, a interpretação correta das metáforas bíblicas é decisiva para a formulação doutrinária, para a pregação cristocêntrica e para a adequada experiência espiritual do leitor. A negligência quanto ao seu papel pode resultar em desvios significativos, seja pela literalização indevida, num extremo, seja pela alegorização descontrolada, no outro.

O intérprete zeloso da Palavra de Deus precisa ser capaz de decidir com sabedoria: quando é que se deve tomar as palavras em seu sentido literal e quando é que o escritor sagrado espera que o leitor dê o salto mental comparativo necessário para visualizar sua descrição? Saber compreender o contexto e decidir adequadamente qual a natureza das figuras envolvidas é fundamental para a interpretação correta.²⁴

A história da interpretação da Escritura tem demonstrado, desde seus primórdios, que é da maior importância interpretar bem as figuras de linguagem, definindo corretamente se uma palavra foi usada no sentido literal ou figurado. Desde os tempos bíblicos, os judeus, e até mesmo os discípulos, muitas vezes se enganaram seriamente por interpretar literalmente o que Jesus queria dizer de forma figurada. Vejam-se, por exemplo, os textos de João 4.11; 6.52; Mateus 16.6-12. A mulher samaritana demorou a entender o que seria a “água viva” que Jesus lhe oferecia. Os judeus não captaram o que Jesus queria dizer quando falava sobre “comerem sua carne”, e os discípulos demoraram a compreender a mensagem do Mestre quando este lhes falava a respeito do “fermento dos fariseus”.

Tal espécie de confusão é tão comum que se estendeu por toda a história da Igreja. Provavelmente, um dos exemplos mais importantes desse desafio esteja na doutrina da Ceia. A diferença de opiniões sobre o que Jesus queria dizer quando afirmou “*Isto é o meu corpo*” (Mt 26.26; Mc 14.22; Lc 22.19; 1Co 11.24) tornou-se uma fonte divisão até mesmo entre as Igrejas da Reforma.²⁵ Outro exemplo importante, nesse sentido, e mais recente, é o relacionado à Escatologia. Os dispensacionalistas, por exemplo, criticam os amilenistas por não aceitarem um cumprimento literal das profecias do Antigo Testamento, espiritualizando as profecias. Afinal, o milênio de Apocalipse 20.1–6 deve ser interpretado de modo literal ou figurado? Os que creem num milênio literal acusam os demais de acertar ao aceitar a Bíblia toda, mas de errar ao não a interpretar literalmente²⁶ nesse ponto.

²⁴ KÖSTENBERGER & PATTERSON, *op. cit.*, p. 261.

²⁵ BERKHOF, *op. cit.*, p. 83.

²⁶ BRUGGEN, Jakob van. *Para ler a Bíblia*. São Paulo, Cultura Cristã, 1998, p. 129.

Essa tensão pode ser aliviada, ao menos em parte, quando lembramos que a identificação de um texto como figurado não significa que estejamos negando sua veracidade ou historicidade. Aquilo que é figurado não é necessariamente mitológico. Reconhecer metáforas não implica negar a veracidade e a autoridade da Escritura.²⁷ Aliás, foram os teólogos da Reforma Protestante – o movimento que mais lutou pela autoridade da Escritura – aqueles que maiores contribuições trouxeram para a cristalização dos princípios adequados para a interpretação das figuras de linguagem bíblicas.

Os reformadores combateram firmemente os abusos alegóricos da Escola de Alexandria. Os intérpretes alexandrinos espiritualizavam quase todos os elementos do texto, vendo-o como “aberto” a diferentes significados e uma verdadeira “mina de sentidos”.²⁸ Após eles, começou a se formar uma imensa coleção de interpretações figuradas e alegóricas (ainda que de textos literais), muitas delas conflitantes entre si, reunidas ao longo de séculos de tradição e colecionadas numa “alegorese escolástica”.²⁹ A Reforma, nesse sentido, foi um movimento hermenêutico crucial na história da interpretação,³⁰ pois rompeu com a alegorese alexandrina, resgatando e firmando os princípios interpretativos da Escola de Antioquia. Sem negar a existência de figuras de linguagem na Escritura, os intérpretes antioquianos buscavam encontrar o sentido de cada passagem específica à luz do significado das palavras, da construção gramatical e do contexto histórico e literário – naquilo que hoje chamamos de método histórico-gramatical.³¹ O ideal hermenêutico da Escola de Antioquia, preterido por séculos, foi retomado e amplamente defendido pela Reforma.

Segundo os reformadores, portanto, as metáforas não devem ser nem descartadas nem supervalorizadas. Quando uma figura de linguagem é valorizada excessivamente (aquilo que pode ser chamado de *superinterpretação*), o leitor acaba extraíndo sentidos da imagem que nunca estiveram presentes na intenção do escritor. Foi esse o abuso tão comum patrocinado pela Escola de Alexandria. Como propuseram os Reformadores, em resgate dos princípios antioquianos, a melhor defesa contra essa superinterpretação é seguir a regra dos contextos, tanto o literário quanto o histórico-cultural. Precisamos buscar uma compreensão das imagens bíblicas à luz do seu uso no contexto imediato e do que viria à mente das pessoas que as ouviram em seu contexto original, lá nos tempos bíblicos.³²

²⁷ PLUMMER, *op.cit.*, posição 392.

²⁸ LOPES, *op.cit.*, posição 2613.

²⁹ *Ibid*, posição 2883.

³⁰ *Ibid*, posição 2830.

³¹ “A Reforma Protestante foi em sua raiz um evento do domínio da hermenêutica”. DOWEY JR., Edward A. Documentos confessionais como hermenêutica. In: MCKIM, Donald K. (org.). *Grandes temas da teologia reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1999. p. 13.

³² KLEIN, BLOMBERG & HUBBARD JR., *op. cit.*, p. 499.

A hermenêutica reformada reconhece, portanto, que a interpretação fiel deve levar em conta os gêneros literários e as figuras de linguagem utilizadas pelos autores inspirados. Negligenciar essas figuras equivale a obscurecer a revelação e empobrecer a compreensão da mensagem revelada. No entanto, uma vez entendidas e interpretadas adequadamente, essas figuras não serão apenas fonte de ilustração, mas também de revelação. Elas funcionarão como “pontes” hermenêuticas entre o mundo do texto e a experiência do leitor. Além disso, terão um papel formativo: elas devem moldar o imaginário, a espiritualidade e a prática da comunidade da fé. Quando Jesus é descrito como o “pão da vida” (Jo 6.48) ou a “videira verdadeira” (Jo 15.1), não se trata apenas de informações transmitidas pelas palavras, mas de convites à dependência, à comunhão e a um relacionamento de conexão e nutrição espiritual profunda. A interpretação correta dessas figuras permite que a igreja compreenda melhor sua identidade, sua missão e sua relação com o Cristo ressurreto.

Finalmente, precisamos dar a devida ênfase ao fato de que foi o próprio Deus quem escolheu e foi servido usar metáforas para se revelar. Pode até ser que, quando os escritores inspirados as empregaram para registrar a revelação divina, tenham, sob a tutela do Espírito Santo, recolhido imagens do seu contexto espacial e temporal para ilustrar aquilo que tinham a dizer. No entanto, dizer que o mesmo se deu com a pessoa divino-humana e a mensagem do nosso Senhor Jesus Cristo seria uma afirmação tímida demais. Uma vez que o Cordeiro foi morto “antes da fundação do mundo” (Ap 13.8), seria uma severa redução da majestade do Filho de Deus propor que Jesus se utilizou daquele animal com a mesma atitude perspicaz de um professor que, vasculhando o quintal de sua casa, encontrou uma ilustração apropriada para sua aula. Se realmente cremos e confessamos que o Cordeiro foi morto antes da fundação do mundo, então precisamos igualmente sustentar que, antes de haver qualquer cordeiro criado, a metáfora sobre Cristo sendo o Cordeiro de Deus (João 1.29) já estava pronta. Em outras palavras: ainda que seja impróprio falar sobre sequência temporal quando tratamos de um Deus eterno, devemos reconhecer que nosso SENHOR já havia decidido se comunicar conosco pela via dessa figura de linguagem antes mesmo da Criação acontecer no tempo.

Conforme propõe Patrick Fairbairn, em sua obra clássica a respeito de Tipologia, Deus não escolheu arbitrariamente cabritos, carneiros ou outros elementos naturais, mas utilizou o mundo criado por ele, dotado de uma estrutura simbólica, para revelar suas verdades de maneira progressiva.³³ E Ele fez isso através de metáforas, tipos e associações figurativas que foram igualmente preparadas de antemão para servir aos seus propósitos revelatórios.

³³ FAIRBAIRN, Patrick. *The typology of Scripture*: viewed in connection with the whole series of the divine dispensations. 4. ed. Vol. I & II. Edinburgh: Monergism Books, 2022, p. 102.

Dessa forma, a hermenêutica que leva a sério esses recursos e figuras bíblicas contribui para uma teologia mais rica, uma pregação mais contextualizada e uma espiritualidade mais enraizada na história da salvação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou demonstrar que a metáfora não é um adorno periférico, mas um elemento essencial à estrutura da revelação bíblica. Como recurso linguístico, ela serve para comunicar realidades espirituais profundas por meio de imagens concretas, acessíveis ao entendimento humano. Como instrumento teológico, ela revela aspectos da verdade divina que seriam inacessíveis ao homem limitado por meio de linguagem puramente descritiva.

A análise teórica e exegética evidenciou que essas figuras são fundamentais para a compreensão do enredo da redenção, da pessoa de Cristo e da identidade da igreja. Negligenciá-las compromete não apenas a precisão hermenêutica, mas também a profundidade teológica da interpretação bíblica. O risco de literalizações indevidas ou de alegorias descontroladas pode ser evitado por uma abordagem equilibrada, sensível ao contexto histórico, literário e redentor das Escrituras, que siga os princípios do método histórico-gramatical proposto pelos reformadores.

Como possibilidades de pesquisa futura, propõe-se o aprofundamento da relação entre metáfora e tipologia, a aplicação da linguística cognitiva à análise das figuras de linguagem bíblicas e o desenvolvimento de propostas didáticas para a correta interpretação da linguagem figurada nas igrejas e seminários. Em um tempo marcado por leituras fragmentadas da Bíblia, redescobrir a beleza, a profundidade e a coerência desse recurso é um passo essencial para fortalecer o apreço pela majestade da revelação especial e recuperar a centralidade das Escrituras na vida cristã.

Finalmente, a ênfase renovada na importância das metáforas bíblicas também serve como um alerta para a relevância contemporânea do tema, especialmente no contexto da pregação, do ensino e da formação doutrinária. A redescoberta do seu valor hermenêutico pode fortalecer o amor pelas verdades transcendentais da Escritura, bem como embelezar e enriquecer sua proclamação do evangelho, tornando-a mais vibrante e impactante. Se nosso Criador resolveu se revelar a nós por meio de uma linguagem rica e cheia de associações poderosas, faz parte de nosso dever proclamar sua Palavra com a mesma grandeza, fazendo justiça à glória da mensagem que somos chamados a anunciar.

ABSTRACT: This article investigates the nature of metaphor and its function in the Bible, with particular attention to how figures of speech inform the revelation of Scripture and how they should be interpreted. Based on an interdisciplinary approach that integrates Biblical Theology, Hermeneutics, and Linguistics, the

study demonstrates that the application of this mechanism in the sacred text is not merely a stylistic device, but an essential tool for understanding profound theological truths. After presenting classical and contemporary understandings of this rhetorical tool, the text analyzes key biblical examples and discusses the hermeneutical implications of a reading sensitive to figurative language. It concludes that the proper interpretation of metaphors is essential for adequate theological formation, faithful preaching, and devotional reading consistent with the witness of Scripture.

KEYWORDS: Biblical Interpretation; Figurative Language; Metaphor; Hermeneutics; Biblical Theology.